

Soledad está presente!

por Samuel Bennaton

Hilda Torres atua em "Soledad: a terra é fogo sobre nossos pés", apresentada dentro da programação da Mostra Capiba de Teatro no Sesc Casa Amarela, em 19 de outubro. O monólogo traz a história da militante comunista que bateu de frente contra domínios ditatoriais na América Latina e veio a ser assassinada aqui, no Recife, em cenário que ficou conhecido como "massacre de Abreu e Lima".

E tudo começa do vazio. Na boca de cena, uma cadeira e, ao lado desta, um livro imenso, deitado, fechado. Minuciosas combinações que realçam um alçapão silenciado. A estaticidade de um ambiente a ser preenchido, tenso, cheio de memórias e disposto a confrontá-las. A construção do jogo inicia-se com o áudio da fala gravada pela filha em legítimo espanhol, misturada à tradução em português. Dimensão arquetípica da heroína anônima que entra em cena e busca no imenso livro pistas de sua identidade.

O que é uma identidade? Um nome no papel, um traço biológico, ou a resistente tentativa de se desgarrar da cartografia do controle, da biopolítica (termo extraído do artigo "Biopolítica", do professor Péter Pal Pelbart, publicado na revista Sala Preta, em 2007), da ingerência direta do poder sobre a vida? A resposta é dada pela personagem anônima, após descobrir no imenso livro seu nome: "Soledad Barret Viedna". A partir daí o ciclo de memória transcorre em ritmo cadenciado, baseado nos anúncios de arauto dos acontecimentos históricos (função dada ao livro, que se mantém fixo à boca de cena) e permeado por colunas delicadas de teatralidade, como a presença da filha numa boneca de pano, a presença do pai, num ponto superior de luz, ou do marido guerrilheiro, numa boina vermelha ressignificada.

A diretora do espetáculo, Malú Bazan, Hilda optaram por um trabalho carregado de militância, condizente o bastante com o universo político atual. Há na prática do teatro brasileiro dos últimos anos, um discurso parelho com as manifestações políticas populares e, muitas vezes, é destinado um espaço de tempo para os comentários mais diretos. "Soledad" pôde-se aproveitar disso. Mas aqui a aspereza de uma queixa atual é trazida poeticamente pela própria personagem que age como um feixe de luz, um ser da contemporaneidade, que analisa a história sem tocar no plano terreno, mas como uma lembrança sofrida, uma cicatriz mal curada: "Fora, Paulo Freire? Volta a ditadura?" e também "Prefiro ter um filho torturado a ter um filho alienado". De maneira nenhuma é um espetáculo panfletário, que se prende à necessidade de convencer o espectador, não é apenas uma militância extenuando um posicionamento, são imagens munidas de argumentos fortes que nos balançam sem recolocar de volta ao lugar.

É curioso imaginar que, sem nossas carteiras de identidade, não temos direitos garantidos. Este modo que utilizamos como identificação data de séculos passados, quando criminosos indesejados pela civilização européia eram registrados a partir de cédulas identitárias e enviados para cá, nas masmorras das colônias. Em uma destas masmorras, em pleno século XX, a heroína é riscada dos registros formais em oposição à sua luta por uma existência mais relevante. A obra amplia o significado da vida dessa mulher, em sua tentativa martirizante de se desgarrar das prisões reducionistas sobre seu próprio corpo. Uma força sedutora como a pisada de um folguedo popular que resiste ao espetáculo anêmico da vida asséptica e plastificada: a oferta da biopolítica rejeitada.

- Texto escrito em oficina de crítica no âmbito do projeto *Cena em Questão*, no Sesc Casa Amarela (Recife - PE), a partir da programação da Mostra Capiba, no período de 17 a 21/10/2016.